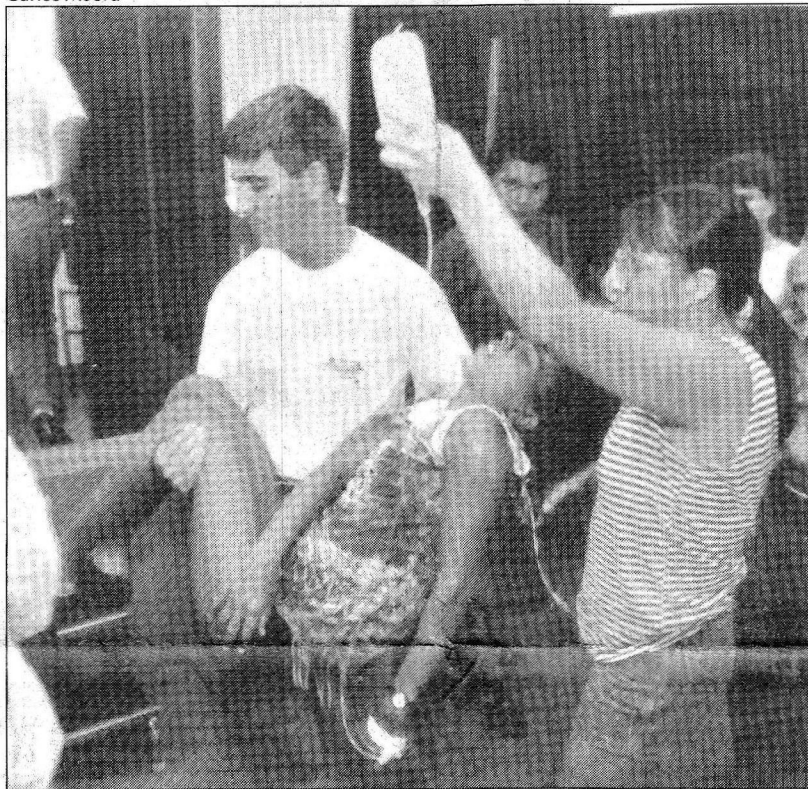


Paralisação atinge 70% no Hospital de Base

Carlos Moura



No Hran, os pacientes ficaram sem bancos para esperar o atendimento

No primeiro dia da greve dos médicos, a adesão no Hospital de Base (HBB) — o maior do Distrito Federal — foi parcial. Na avaliação da direção, a paralisação atingiu entre 60% e 70% do ambulatório.

“Uma parte significativa do ambulatório funcionou”, afirmou Elias Fernando Miziara, diretor do HBB.

José Gilmar Pereira do Rosário, 16 anos, esperava atendimento há três horas, ontem pela manhã. Morador no Valparaíso, ele foi vítima de uma briga de rua, quando foi atingido nos olhos por um jato de tinta spray.

Depois de medicado e ter os olhos vedados, o menor recebeu ordens de voltar hoje ao HBB para nova consulta.

Asa Norte — Já no Hospital Regional da Asa Norte (Hran) esperar foi o que mais fizeram os pacientes que procuraram, ontem, a emergência.

Como muitos doentes reclamavam da falta de bancos para sentar, a funcionária Neuza Batista desa-

bafou: “A ordem que recebi é a de ficar aqui na frente e não deixar ninguém entrar antes de ser chamado”.

O diretor do Hran, Carlos Saraiva e Saraiva, criticou o comando de greve dos médicos dizendo que não houve organização.

“Eles não formaram comissões de ética e triagem. Nós, da direção, é que estamos definindo como deve ficar a escala dos médicos no pronto-socorro”, afirmou.

Segundo o diretor, os médicos dos centros de saúde deveriam ser deslocados para o pronto-socorro.

Criticado por ter tirado os bancos que ficavam na entrada da emergência, Saraiva justificou dizendo que vai acabar com a mentalidade de que pronto-socorro é a mesma coisa que consultório.

“Não é banco que vai resolver o problema de espera dos pacientes” acrescentou.

Para Saraiva, se forem colocados bancos os pacientes esperarão três horas sentados. O diretor prefere, então, que fiquem de pé.